


**NEGLIGÊNCIA NOS CUIDADOS DA SAÚDE MENTAL E FÍSICA DOS  
PROFISSIONAIS DA SAÚDE**

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.028-010>

**Mirela Ambrósio Leal**

**Fernanda de Freitas Medeiros de Souza**

**Vivaldo Palma Lima Filho**

**Samuel Batista Monte Alto do Vale Lordão**

**Ana Flávia Souto Fonseca Sarni**

**Dener de Freitas Ribeiro**

---

**RESUMO**

A área da saúde é composta por uma equipe multiprofissional, sendo que cada setor de atuação é de extremo impacto na qualidade de vida de cada paciente, tendo em vista que suas demandas também são multidisciplinares. Contudo, mesmo com a estratificação dos cuidados e divisão das funções entre a equipe responsável, ainda observa-se importante sobrecarga dos profissionais da saúde, principalmente em cenário hospitalar. Essa sobrecarga reflete em fatores tais como o esgotamento profissional ou síndrome de burnout, que é um dos pilares na negligência quanto ao autocuidado físico e mental entre os profissionais da saúde. Da mesma forma, falta de tempo, má remuneração, falta de valorização profissional, más condições de trabalho e sobrecarga emocional são outros exemplos de fatores que contribuem para esse cenário. Pensando nisso, esse trabalho visa a revisar as principais condições associadas à autonegligência dos profissionais da saúde, no que tange à saúde física e mental, reunindo fatores comuns a todas as áreas de atuação e com ênfase no serviço de enfermagem e médico.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Profissionais da saúde. Negligência.



## 1 INTRODUÇÃO

Diversos são os fatores que impactam no autocuidado com a saúde mental e física entre os profissionais da saúde. Dentre eles, pode-se citar tanto fatores externos, e portanto modificáveis, quanto fatores intrínsecos e inerentes às diversas áreas de atuação na saúde. No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), os profissionais ainda encaram outros desafios, tais como a carência de equipamentos, suprimentos, medicamentos e até de mão de obra humana para as demandas apresentadas. Tudo isso condiciona ao profissional um maior desgaste emocional e psicológico.

Para além do contexto da pandemia de Covid-19, que foi um momento de intenso desgaste físico e mental para os profissionais de todas as áreas da saúde, é importante citar tanto os fatores intrínsecos à profissão, como maior exposição a situações de luto e morte, necessidade de resiliência psicológica e emocional, por exemplo, quanto os fatores modificáveis, como a falta de tempo, má remuneração, baixo reconhecimento profissional, sobrecarga de funções e falta de recursos no SUS, pois estes são fatores que antecedem à pandemia, coexistiram com ela e permaneceram após sua resolução.

## 2 METODOLOGIA

O atual trabalho trata-se de uma revisão de literatura, o qual a base de dados foi retirada das plataformas SciELO (Scientific Electronic Library Online) e PubMed. A pesquisa foi realizada em Julho de 2023, atendendo aos critérios de inclusão que foram artigos dos anos 2003 a 2023, na língua portuguesa, espanhola e inglesa, textos online e em textos completos, teses, dissertações de mestrado, capítulos de livros, monografias, literaturas em revistas além de periódicos científicos foram incluídos na realização da revisão bibliográfica. Como estratégias para melhor avaliação dos textos, como descritores em saúde (DeCS) foram utilizados: “Saúde Mental”, “Saúde Física” e “Profissionais da Saúde” e “Autonegligência”.

## 3 DISCUSSÃO

Atualmente, a sobrecarga física e emocional durante a assistência aos pacientes internados no ambiente hospitalar é muitas vezes negligenciada pelos profissionais de saúde (SANTOS, 2023). A falta de cuidado consigo pode acontecer quando o profissional se envolve no cuidado do outro de modo afastado de si mesmo, como se esse cuidado pudesse ser efetuado com neutralidade. Isso remete ao discurso sobre profissionais de saúde como isentos de doença, comparados a “sacerdotes ascéticos” que em seu exercício profissional utilizam seu instinto, sua arte, suas habilidades e até uma espécie de felicidade própria para cumprir todas as suas tarefas e estarem inteiros, imunes a doenças (SILVA, 2020).

A equipe de saúde está frequente a exposição de diversos fatores comprometedores de suas saúdes física e mental, como lidar com a dor, o sofrimento e a morte e também pelo sistema de turnos contínuos ou de trabalho em turnos ininterruptos de revezamento e prestação de serviços durante 24 horas diárias, nos sete dias da semana, somando-se à transição entre turnos para passagem do plantão. O impacto negativo na saúde física e mental deve-se também à falta de atenção e tempo para assuntos relacionados à atuação dos profissionais como indivíduo inserido em meio social (SANTOS, 2023).

Lidar com vidas que estão quase sempre em situações de fragilidade, tomar decisões que envolvem riscos vitais, fazer intervenções clínicas ou cirúrgicas em indivíduos enfermos - tudo isso torna o profissional da saúde mais propenso a se sentir desgastado física e psicologicamente ao longo da vida profissional. Em boa parte, a ação do médico envolve não só o paciente, como também o núcleo familiar deste, o que torna o profissional responsável e envolvido para além da técnica da medicina, extrapolando uma mera relação consumidor-produtor (MACHADO, 1997).

Embora mantenham-se as características próprias de cada profissão, vários aspectos da atividade profissional em saúde são compartilhados por médicos, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos; no que diz respeito à saúde ocupacional, por exemplo, o sofrimento psíquico inerente ao trabalho no âmbito hospitalar é comum a todos esses profissionais (NOGUEIRA, 2003).

Uma condição comum entre os profissionais de saúde é o esgotamento profissional ou síndrome de burnout, sendo definida como uma síndrome patológica resultante do estresse ocupacional prolongado. As três principais características dessa condição são: exaustão emocional, despersonalização e sentimento de ineficácia profissional. Postula-se que as dimensões da síndrome de burnout aparecem sequencialmente no tempo. Assim, desenvolve-se primeiro a exaustão emocional, e depois surge a despersonalização na tentativa de enfrentar a exaustão e, finalmente, a capacidade de resistir às demandas de trabalho diminui, resultando em uma redução nos sentimentos de realização pessoal (BROWN; GOSKE; JOHNSON, 2009).

Quanto à saúde física, os resultados de um estudo sobre o nível de atividade física dos profissionais de saúde (ACIOLI, 2013), revelaram que os médicos e enfermeiros foram os profissionais que apresentaram menor proporção de sujeitos ativos, apresentando inclusive valores inferiores a média nacional de 36%<sup>17</sup> (Jatkinson et al.,18), verificaram que os médicos, mesmo realizando caminhadas durante sua jornada de trabalho, não conseguiam suprir uma proporção substancial das necessidades diárias, tornando-se necessária a prática complementar de atividade física. Por outro lado, os técnicos de enfermagem e os fisioterapeutas apresentaram valores superiores aos médicos, enfermeiros e inclusive em relação à proporção nacional. Uma possível explicação para a maior proporção de indivíduos ativos entre esses profissionais, pode estar relacionada à influência das atividades desenvolvidas em suas rotinas de trabalho (ACIOLI, 2013). Nas suas rotinas de trabalho, os

técnicos são responsáveis pelo deslocamento de pacientes, cuidados com higiene pessoal, administração de fármacos e transporte de diferentes equipamentos. Todas essas atividades demandam maior gasto energético, pois exigem que esses profissionais percorram maiores distâncias dentro do ambiente hospitalar, seja caminhando, subindo e descendo escadas, bem como realizando atividades vigorosas que exigem força física, como a transferência de pacientes e tarefa de banho no leito. Explicação semelhante pode ser pensada para os fisioterapeutas que utilizam a mobilização dos pacientes em suas rotinas como a transferência para cadeira, poltrona, ortostatismo, além da deambulação (ACIOLI, 2013).

Quando relacionados os sintomas psicofísicos dos profissionais da saúde, foram evidenciados por alguns autores com maior ênfase os distúrbios osteomioarticulares, estando relacionados principalmente às queixas de dores na coluna (FERREIRA, 2008), problemas crônicos no pé, com incidência de 12,6% (RIOS, 2010) e depressão, com incidência de 7,7%, além de estresse e esgotamento mental, o que se deve às exigências e cargas de trabalho impostas, acarretando um desequilíbrio músculo esquelético e desgaste emocional relatados por esses profissionais (SANTOS, 2023)

### 3.1 NEGLIGÊNCIAS NO AUTOCUIDADO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

No desenvolvimento histórico da enfermagem, o cuidado às pessoas tem sido apontado como objeto epistemológico da profissão. O enfermeiro é o profissional que cuida das pessoas desde o nascimento até o momento da morte. Contudo, questiona-se se esse profissional cuida também de si mesmo. Diversos estudos têm apontado estresse, sobrecarga de trabalho e outros problemas que denotam certo descuido consigo entre os enfermeiros. Associados a esses fatores, estão a grande pressão no ambiente de trabalho, a alta responsabilidade ética e as baixas remunerações (SILVA, 2020).

O autocuidado é essencial e compreende hábitos, costumes, crenças e valores individuais. A autonegligência, observada como principal limite para tal cuidado, pode ocorrer pelo fato de a formação do enfermeiro visar o cuidado do outro, não direcionando a atenção ao cuidado para si próprio. Associadas a esses fatores, a fragmentação, a comunicação inadequada entre os membros da equipe e a falta de atribuição de significado ao trabalho são determinantes para sua desqualificação (SILVA, 2020).

Muitas vezes, embora haja a percepção da necessidade de cuidar-se, os profissionais não conseguem colocá-la em prática. As ocupações cotidianas consomem o tempo que os enfermeiros poderiam dedicar a si mesmos, de modo que o cuidar-se fica em segundo plano e, às vezes, é esquecido. A negligência do cuidado consigo parece decorrer da falta de tempo para alimentar-se adequadamente e cuidar-se física e esteticamente e da necessidade de abdicar do tempo para si em prol do trabalho. Muitos profissionais possuem mais de um vínculo empregatício, o que reduz o tempo livre e prejudica

o cuidado consigo. A falta de tempo, que pode ser interpretada como ausência de prioridade para si, tem grande possibilidade de acarretar estresse e outros transtornos psíquicos. Além disso, a ausência de repouso adequado, somada à exposição do profissional às condições adversas do mercado de trabalho, pode ocasionar dores crônicas, agitação, insônia, ansiedade e, conseqüentemente, automedicação (SIVA, 2020).

Além destes, outros fatores limitantes do cuidado de si foram descritos por enfermeiros: horário inadequado de trabalho, burocracia excessiva, baixa remuneração, submissão, impotência, competitividade e incompatibilidade entre afazeres, família e lazer (SILVA, 2020).

### 3.2 NEGLIGÊNCIAS NO AUTOCUIDADO DOS PROFISSIONAIS MÉDICOS

O comprometimento da qualidade de vida do médico e, conseqüentemente, do seu exercício profissional pode interferir de forma impactante na sociedade, principalmente mediante os possíveis erros médicos muitas vezes irreparáveis (GRACINO, 2016).

A competitividade e a necessidade de conhecer e de se expor a diversas situações, funções e locais de trabalho são muito mais afetas aos médicos cuja a posição laboral ainda não está consolidada. Os profissionais com menos de dez anos no mercado, por exemplo, estão mais sujeitos ao multiemprego (aceitando, inclusive, subempregos, salários inferiores à média etc.) e a trabalhar mais intensamente em regime de plantão, sendo ainda escassa sua clientela em consultório (MACHADO, 1997). Todos os fatores supracitados são de importante impacto na qualidade de vida e bem estar dos profissionais da saúde, sendo a submissão a eles um exemplo de auto-negligência nos cuidados com a saúde mental.

Os principais motivos alegados para o desgaste foram: excesso de trabalho, jornada de trabalho prolongada, multiemprego (27%); baixa remuneração (17%); más condições de trabalho (16%); área de atuação/especialidade (9%); excesso de responsabilidade, relação de vida e morte com os pacientes (12%) (MACHADO, 1997).

Entre os fatores de risco para o adoecimento psicológico dos médicos mais abordados nos estudos, destacam-se a elevada demanda de trabalho tanto física quanto emocional, conflitos familiares devido à profissão, dificuldades financeiras e descontentamento com o sistema de saúde (BROWN; GOSKE; JOHNSON, 2009).

A porcentagem de médicos afetados com sintomas de depressão é alta nos dois hemisférios do planeta, estando os médicos mais novos sob maior risco, o que foi confirmado no estudo de Dyrbye et al. (2014), no qual os sintomas de depressão e ideação suicida foram mais prevalentes durante a faculdade do que na residência e no início da carreira (MAGNAVITA E FILENI, 2014).

Em contrapartida, foram observados fatores protetores, como a dedicação à prática acadêmica de ensino e pesquisa, o aprimoramento técnico e a dedicação de tempo ao lazer e atividades físicas.



Também foi possível observar que o início da carreira médica, principalmente internato e residência, é o mais exaustivo e exigente da saúde mental e física dos médicos (GRACINO, 2016).

### 3.3 IMPACTOS GERADO PELA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia causada pela Covid-19 afetou negativamente a saúde mental e física de profissionais de saúde por ampliar os fatores estressores relacionados ao trabalho, especialmente dos que trabalharam na linha de frente assistencial, pois lidaram diariamente com o medo de se infectar e de infectar os outros, bem como com a carência de equipamentos de proteção individual e a sobrecarga de trabalho. Em estudo publicado recentemente, observaram-se impactos psicológicos como ansiedade, percepção de estresse e depressão desde o início da epidemia por Covid-19, que foram aumentando gradativamente durante o curso da doença. De maneira análoga à população em geral, os impactos psicológicos gerados pelas epidemias e pandemias são intensos. Contudo, nos profissionais de saúde, estes impactos são amplificados por diversos motivos: além de apresentarem maior risco de infecção pelo vírus, estão expostos à possibilidade de que faltem equipamentos de proteção individual, ventiladores mecânicos, insumos hospitalares, além de precisarem decidir, por vezes, quais pacientes terão direito a determinadas tecnologias assistivas (DANTAS, 2021). Esse tem sido um aspecto de extrema relevância nos determinantes de saúde mental dos profissionais desde 2020.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ademais, deve-se sempre prezar pela saúde mental de todos os profissionais, ainda sim, nota-se um grau de negligência muito intenso por parte de contratantes e administradores. Ao abordarmos o aspecto da saúde, entendemos a extensa cobrança por parte dos pacientes e pessoal, por isso, deve-se sempre apresentar projetos que projetam e intensifiquem o cuidado com a saúde mental e física dos profissionais da saúde.



## REFERÊNCIAS

Nogueira-Martins LA. Saúde mental dos profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho* [Internet]. 2003;1(1):59–71. Available from: <https://www.rbmt.org.br/details/281/pt-BR/saude-mental-dos-profissionais-de-saude>

BORGES, João Paulo Assunção; DOS SANTOS, Luciana Avila; DE ASSIS SIMÕES, Ana Lúcia. Indicadores de qualidade na assistência à saúde da criança na atenção primária a saúde: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 7101-7116, 2020.

DE MELO FERREIRA, João Pedro et al. Atitudes frente à morte e luto em profissionais de saúde na linha de frente do cuidado a COVID-19: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, n. 4, p. 14252-14264, 2023.

Machado MH, Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1997.

Silva Júnior EJ da, Balsanelli AP, Neves VR. Care of the self in the daily living of nurses: an integrative review. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2020;73(2).

Gracino, Mariana Evangelista et al. A saúde física e mental do profissional médico: uma revisão sistemática. *Saúde em Debate* [online]. 2016, v. 40, n. 110 [Acessado 13 Julho 2023], pp. 244-263. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201611019>>. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611019>.

BROWN, S. D.; GOSKE, M. J.; JOHNSON, C. M. Beyond substance abuse: stress, burnout, and depression as causes of physician impairment and disruptive behavior. *J Am Coll Radiol*, Nova York, v. 6, n. 7, p. 479- 485, 2009.

MAGNAVITA, N.; FILENI, A. Association of work-related stress with depression and anxiety in radiologists. *Radiol Med*, Torino, v. 119, n. 5, p. 359-366, 2013.

Santos V, Gomes Feitosa A, Barreto L, Guedes A, Bastos N, Sales B. QUALIDADE DE VIDA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM AMBIENTE HOSPITALAR [Internet]. [cited 2023 Jul 13]. Available from: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/download/312/283>

Ferreira N, Oliveira J. O nível de qualidade de vida dos fisioterapeutas do complexo de saúde do Campus da Unicamp [dissertação]. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Dantas ESO. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2021;25:e200203. Available from: <https://doi.org/10.1590/Interface.200203>

Santos WJ dos, Silva ETAF da, Altino JA, Vieira CBL, Meira M do A, Monte CD. Saúde física e mental de profissionais de unidades de saúde da família na pandemia do COVID-19. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. 2022 Jun 30;(27):111–22.

Acioli Neto A, Araújo R, Pitangui A, Menezes L, França E, Costa E, et al. Qualidade de vida e nível de atividade física de profissionais de saúde de unidades de terapia intensiva. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*. 2013 Nov 30;18(06).